

Paulo de Tarso

Grego e Romano, Judeu e Cristão

José Augusto Ramos, Maria Cristina de Sousa Pimentel,
Maria do Céu Fialho e Nuno Simões Rodrigues (coords.)

A CAMINHO DA NOVA *AEON*: TOLERAR OU ATURAR? O QUE TERIA PAULO EM MENTE?

MARIA ANA T. VALDEZ

Universidade de Yale

Centro de História da Universidade de Lisboa

A primeira coisa que gostaria de referir é que a questão sobre uma eventual tolerância religiosa em Paulo surgiu no contexto dos meus estudos sobre o modelo de Quinto Império de António Vieira, onde em última instância se apela a uma universalização religiosa de tipo ecuménico com o objectivo de atingir o prometido reino de Deus. Daí que a tolerância religiosa se apresentasse como um factor fundamental nos trabalhos de Vieira. Desse modo, Vieira compilou nos vários cadernos da *Clavis Prophetarum*¹ exemplos retirados de vários textos e autores, entre os quais se encontra Paulo. Por isso, a minha questão relativamente ao conteúdo das cartas que o apóstolo endereçou à comunidade de Corinto, mas também pelo que este mesmo conteúdo pode significar da parte do cristianismo em termos de abertura religiosa.

O objectivo último, tanto de judeus como de cristãos, é semelhante: a consumação do reino divino na Terra. Só que isso não pode acontecer antes que algumas condições básicas estejam reunidas. Destas, talvez a mais importante seja a união da Humanidade em volta de uma religião universal que tivesse Deus como única divindade. Esta é claramente uma premissa complicada, não só pela multiplicidade religiosa existente no mundo, mas também devido às divisões fracturantes existentes entre judeus e cristãos.

O nosso propósito neste momento não é discutir filosoficamente o conceito de tolerância e como é que ele se pode aplicar no contexto da religião. Mas antes, tentar observar se nos textos de Paulo, um dos mais importantes agentes do cristianismo dos primeiros tempos, existe alguma abertura para que aqueles que não seguissem o Evangelho pudessem ser admitidos no reino de Deus que se deveria consumir após a *parousia* de Cristo.

Apesar de Paulo representar de alguma forma a ruptura entre a tradição judaica e a cristã, especialmente no que diz respeito à temática do Messias, uma coisa é certa: a figura de Paulo e os textos que lhe são atribuídos tiveram grande influência quer na criação e no estabelecimento da identidade cristã, quer mesmo no desenvolvimento da doutrina do novo grupo religioso.

A vida de Paulo e o período histórico em que viveu dizem-nos como o momento era conturbado e como foi possível a fariseu tornar-se em um dos mais fervorosos apóstolos de Cristo. Mas as acções e as palavras de Paulo

¹ António Vieira, *Clavis Prophetarum in ANTT*, Conselho Geral do Sto. Ofício, Ms. 122.

são testemunho da diferença dada pelo apóstolo aos desvios dentro das comunidades cristãs por si formadas e às diferenças entre judeus e cristãos. Por isso mesmo, parece-nos de extrema importância que voltemos a pensar em Paulo em termos que nos permitam equacionar a existência ou não de tolerância religiosa no seu pensamento, e especialmente, nas suas palavras.

Tendo em conta a vastidão de assuntos tratados por Paulo, vamos limitar a nossa análise a dois trechos onde o autor discute a existência de dois períodos histórico-temporais distintos: duas *aeones*. A isto, teremos ainda que adicionar o significado que Paulo atribui a questões como a vinda de Cristo e a sua ressurreição, bem como o que ele parece pensar sobre a esperança escatológica judaica. É que não podemos esquecer que uma das questões fracturantes entre judeus e cristãos reside exactamente no papel que cada um atribui à figura de Cristo e que se pode traduzir no facto de os judeus continuarem à espera de um Messias, enquanto que os cristãos estão à espera do momento da *parousia*.

Assim sendo, é necessário tentar compreender de uma forma abrangente como é que o Paulo cristão entendeu este período de espera entre o presente, especialmente dado o facto de que Cristo já tinha morrido e ressuscitado, e o futuro tempo da *parousia*, e depois, o relacionamento entre os judeus, o povo da *Lei antiga*, como lhes chama, e os cristãos, o povo da nova aliança com o Espírito, através de Cristo. Disto se pode compreender imediatamente que a esperança escatológica expressa nos escritos paulinos é aparentemente diferente da anteriormente descrita em Daniel.² Na verdade, para Paulo, a morte de Cristo significava já o início de um novo mundo, de uma nova idade, de um tempo novo, apesar de os cristãos ainda esperarem pela vinda definitiva do Messias. Mas isto não significa que Paulo não achasse que já se tinha passado para a nova *aeon* como veremos adiante.

Acima mencionámos que os escritos paulinos iniciavam uma ruptura com os judaicos no que diz respeito às esperanças escatológicas expressas por cada um dos dois grupos. No entanto, é necessário que fique claro desde já que Paulo não parece ter tido como intenção acentuar essa ruptura. Simplesmente, os fundamentos judaicos e cristãos são diferentes no que diz respeito a questões de cariz messiânico. E de facto, as nomenclaturas que usa para se referir a um e a outro grupo são reflexo disso mesmo, e como tal, podem ser entendidas do nosso ponto de vista como representando desde já uma certa tolerância no que diz respeito aos judeus. No entanto, é útil não esquecer que Paulo não ousa negar seu passado, muito menos os elos que o ligam ao povo judaico. Disso é exemplo, apesar de em contexto diferente, o que lemos em *2Cor* 11, 22: «São hebreus? Também eu. São israelitas? Também eu. São descendentes de Abraão? Também eu.»

² Para uma análise mais completa dos passos escatológicos de *Daniel*, cf. Collins, 1993.

Na segunda epístola aos Coríntios Paulo menciona claramente a existência de duas alianças com Deus. Uma primeira teria sido efectuada com Moisés e regia-se pela aplicação da Lei que Deus lhe teria dado no topo do Sinai. Uma segunda, teria sido celebrada através de Cristo, filho de Deus e por isso mesmo directamente com Deus, e que não menciona a nenhum momento um seguimento literal da lei mosaica, especialmente em questões como a circuncisão e a prática do *Sabat*.

Uma coisa parece certa quando lemos Paulo: os Judeus não estão excluídos de forma alguma do novo pacto com Deus ou do novo mundo que será estabelecido após a segunda vinda de Cristo. O que o autor salienta de forma continuada é a necessidade de conversão dos gentios pela fé, de modo a que mais tarde todos os povos pudessem participar do Reino Divino. Na realidade, Paulo não exclui ninguém, especialmente, dado o facto de que para ele pregar o Evangelho e difundi-lo é uma forma de união universal dos povos sob Deus.

Antes de avançarmos e analisarmos mais pormenorizadamente algumas passagens dos textos de Paulo é necessário demorarmo-nos um pouco sobre o conceito de tempo, o qual se reflecte consequentemente naquilo que designamos normalmente por filosofia da história.

Nos textos bíblicos o tempo no seu todo é normalmente dividido em pequenas unidades de modo a tornar o seu uso mais prático, mas especialmente, de uma maneira que permita ao leitor compreender que o seu presente está mais perto do futuro desejável, do que aquilo que ele poderia inicialmente pensar. Como diz A. Collins, sobre este assunto, «time division is a way to organize larger blocks of time, in a way that will make time itself understandable to people»³. É neste contexto que o leitor, especialmente o do Novo Testamento, se depara com uma diversidade imensa do vocabulário usado para descrever o tempo. Na realidade, o uso de termos como «anos», «semanas», «gerações», «décadas», «jubileus» ou «anos sabáticos», entre outros, é corrente nos textos bíblicos desde os tempos mais antigos e onde a temática do tempo, especialmente quando incide sobre escatologia, é apresentada ou discutida. Aliás, uma das principais características da literatura apocalíptica, onde a temática do tempo escatológico deve ser inserida, é a divisão da história em períodos temporais não só compreensíveis para o leitor, mas especialmente úteis do ponto de vista do assunto em causa, isto é, permitir datar os acontecimentos que iniciarão o fim deste mundo e o estabelecimento do Reino divino na Terra para um momento próximo daquele em que o autor está⁴.

O «Fim dos Tempos» é outro dos assuntos do qual não se pode de modo algum passar ao lado quando se discute, como Paulo o faz, estratégias para o

³ Em relação a este assunto, recomendamos como leitura suplementar: Collins, 1996.

⁴ Cf. Collins, 1998.

atingir, acentuando que o presente ainda não é o tempo do fim, mas sim mais uma das etapas para o atingir. Afinal, o Reino de Deus é o objectivo último dos cristãos e Paulo está consciente de que isso só será possível seguindo uma estratégia baseada numa fé inabalável. Sendo que esta é uma temática já amplamente discutida por nós, basta-nos por ora salientar a sua importância no ambiente judaico-cristão⁵.

Como mencionámos, a questão escatológica é um tema fulcral do pensamento judaico-cristão e quase que nem seria necessário referir que de ambos os lados, isto é, quer entre judeus, quer entre cristãos, são vários os exemplos que nos chegam de reflexões sobre esta matéria. Deste ponto de vista, os escritos de Paulo são insubstituíveis por reflectirem claramente a existência no seu tempo de uma distinção entre a via judaica e a cristã, se é que assim lhes podemos chamar.

Paralelamente, a forma como Paulo não entra nas questiúnculas que abundavam no seu tempo relativamente ao «desvio» que o cristianismo revelava em relação ao judaísmo tradicional, parece-nos ser já o resultado de alguma ponderação sobre este assunto de uma personagem conhecida pelas suas ligações aos fariseus. Por isso mesmo, é importante que nos detenhamos sobre este assunto, particularmente sobre a abordagem iniciada pelo autor. Ao mesmo tempo, parece-nos possível afirmar de imediato que o relacionamento que Paulo propunha que existisse entre os diferentes «povos de Deus» parece representar desde logo uma abertura no sentido que nos pode levar a questionar se o que Paulo tinha em mente era algum tipo de tolerância religiosa, ou se por outro lado, ele estaria simplesmente à espera que os judeus «entendessem que Cristo era o Messias por quem esperavam». Que fique claro, que nos referimos a uma tolerância entre judeus e cristãos e não àquilo que são as normais atitudes de Paulo relativamente ao que se passa dentro das comunidades por si fundadas e a quem parece não admitir desvios aos ensinamentos do Evangelho. Ou seja, Paulo tinha uma atitude claramente distinta para com os judeus e os gentios, e os desvios que encontrava nas comunidades por si fundadas.

Uma leitura mais atenta dos escritos paulinos parece dar a entender que o apóstolo tinha uma visão tripartida do tempo, isto é, existia 1) o passado marcado pela lei mosaica, 2) o presente marcado pelo pacto com Cristo e, 3) um futuro reino de Deus na Terra. Em certa medida, esta visão tripartida do tempo antecipa já a leitura que *O Apocalipse* fará do tempo histórico, mas enveredar por aí levar-nos-ia a outras reflexões.

Voltando a Paulo, esta interpretação do tempo histórico comum nas suas obras e reflecte-se particularmente nas cartas que escreve à comunidade de Corinto. Por isso mesmo, a nossa análise terá essencialmente em conta

⁵ Valdez, 2007.

1Coríntios 15,20-28 e *2Coríntios* 3,7-18. Estas passagens, onde o apóstolo usa abundantemente da sua interpretação do tempo histórico de modo a explicar a esta comunidade as razões que o levavam a chamar-lhe a atenção para o seu comportamento e aparente falta de fé, são também esclarecedoras sobre o que Paulo espera destas mesmas comunidades, especialmente, da sua forma de viver o cristianismo. Por outro lado, a segunda passagem acaba por nos dar uma visão mais completa sobre o que pensava Paulo relativamente ao facto de os judeus não considerarem Cristo como o Messias e continuarem a seguir fervorosamente a lei mosaica.

No tempo de Paulo, Corinto era de facto uma cidade do Império, onde os mais variados tipos de pessoas, credos, etnias, etc., se cruzavam e se influenciavam mutuamente. Por isso, era quase que impossível pensar que a comunidade fundada por Paulo seria impermeável a tamanho número de influências externas. Paulo era certamente sabedor disto. Mais, este talvez tenha sido um dos desafios que o levou a fundar a comunidade de Corinto. Mas isso, não significa que a tolerância de Paulo para com os desvios resultantes destas miscigenações fosse grande, ou mesmo, existente.

Corinto era um lugar de troca de ideias, práticas e rituais que, de algum modo, se reflecte até na existência de várias escolas filosóficas que competiam entre si. Além disso, sendo uma cidade cuja história é marcada por altos e baixos e pela sua recuperação fulgurante devido ao papel comercial que desempenhava na região, Corinto é também no tempo do apóstolo uma cidade onde os hábitos do Império Romano dominavam. Daí as preocupações acrescidas de Paulo para com esta pequena comunidade e a sua necessidade de lhe inculcar ânimo e esperança, ao mesmo tempo que lhe aponta os erros e o caminho a seguir.

Em *1Coríntios* 15,20, Paulo introduz a temática da *ressurreição* de Cristo. Esta questão vai-lhe ser especialmente útil para explicar que apesar de parecer que já se teria iniciado um novo período temporal com a vinda, morte e ressurreição de Cristo, ainda era preciso esperar pelo momento da segunda vinda, para que de facto pudesse ter início a nova *aeon*. Ou seja, Paulo descreve a ressurreição de Cristo como comparável aos primeiros frutos que se podem colher de uma colheita e a que se seguirão muitos mais, isto é, muitas mais ressurreições: as dos fiéis.

Segundo alguns dos estudiosos que se têm dedicado ao estudo e comentário deste texto, o uso desta temática nesta secção em particular da carta dever-se-á mais aos rumores que terão chegado aos ouvidos de Paulo do que ao conteúdo da carta a que Paulo estaria naquele momento a responder⁶.

No capítulo 15, Paulo refere-se à «ressurreição» não só porque esperava a segunda vinda de Cristo, mas especialmente porque era necessário que a

⁶ Cf. Conzelmann, 1981; Thiselton, 2000.

comunidade entendesse que se deveria manter fiel e ter fé na *parousia*. De facto, tal como Kreitzer escreve, Paulo fala de «ressurreição» enquanto «synonym for a new era for the ones of faith»⁷. Como tal, é necessário sublinhar que mais uma vez Paulo não está a falar de «ressurreição» do ponto de vista apocalíptico, mas sim a fazer uso de um conceito de história dividida em duas *aeones*, isto é, em duas idades. Isto reflecte-se em última instância numa divisão dualística do mundo: o tempo do antes e o do depois. No passado, Paulo descreve acontecimentos como a morte e a ressurreição de Cristo, enquanto o futuro representa a vinda final de Cristo e o estabelecimento do reino divino na Terra. Deste modo, é possível equacionar neste momento a existência de uma dialéctica entre estes dois tempos. Dialéctica esta que é fundamental para compreendermos que Paulo via o presente como sendo já parte na nova era sendo que Cristo já tinha ressuscitado uma vez, à semelhança do que mais tarde viria a fazer Sto. Agostinho..

Consequentemente, o que Paulo tinha em mente quando aborda esta questão não é tanto se Cristo teria sido ou não ressuscitado de entre os mortos, mas algo mais complexo como é a ideia de que esse acontecimento teria dado início a um período de mudança que levaria a uma nova idade. Esta seria então representada pela consumação do reino de Deus na Terra. Só dessa forma seria possível pensar que depois dos primeiros frutos da colheita se poderiam colher os seguintes.

Diz Paulo em *1Cor* 15,20: «Mas não! Cristo ressuscitou dos mortos, como primícias dos que morreram»⁸, numa tentativa de explicar aos membros da comunidade de Corinto de que Cristo tinha sido apenas o primeiro a ressuscitar, mas que todos os homens de fé se lhe seguiriam no momento certo. Desta maneira, Paulo explica também que o baptismo que tinham recebido não é por si só garantia de entrar no Reino de Deus. Mais incisivamente, o facto de terem recebido o baptismo também não lhes grangeava as portas da nova *aeon*. Desta maneira, Cristo transforma-se no paradigma daquilo que acontecerá a todas as comunidades que viverem de acordo com os princípios do cristianismo: ressuscitarão e viverão no Reino de Deus. E por isso, diz Paulo aos seus ouvintes: “Não vos iludais: As más companhias corrompem os bons costumes.” Sede sóbrios, como convém, e não continueis a pecar! Pois alguns de vós mostram que não conhecem a Deus: para vossa vergonha o digo.» No fundo, a ressurreição necessária para que partilhem o reino de Deus, só pode acontecer em Cristo. E, por isso mesmo, não pode haver lugar a qualquer tipo de desvio. Neste ponto, Paulo parece totalmente intolerante no que diz respeito

⁷ Kreitzer, 1993, 259.

⁸ As citações bíblicas em português usadas neste texto foram retiradas da versão electrónica da *Bíblia dos Capuchinhos*, Difusora Bíblica, 2001. No entanto, alguns outros passos foram estudados a partir da versão NRSV publicada pela Harper Collins.

a qualquer tipo de desvio que a comunidade ou os seus membros pudessem efectuar em relação aos ensinamentos do Evangelho.

Consequentemente, a metáfora dos «primeiros frutos» tal como usada por Paulo contém uma lógica temporal e uma representativa. Isto é, temporal porque Cristo foi apenas o primeiro a ser levantado de entre os mortos; e representativa, porque Cristo é também sinónimo da Humanidade. Consequentemente, a ressurreição de Cristo representa não só um facto temporal, mas também a promessa de que muitas outras se lhe seguirão no futuro.

Um pouco mais abaixo, no versículo 22, Paulo introduz ainda a analogia entre Adão e Cristo. Escreve ele que «E, como todos morrem em Adão, assim em Cristo todos voltarão a receber a vida», o que nos leva a ter que necessariamente apontar duas questões: 1) o autor não introduz aqui nenhuma ruptura entre os descendentes de Adão e os seguidores de Cristo, e, 2) Paulo sublinha que por serem descendentes de Adão todos os homens morrerão, mas aqueles que seguirem os princípios do cristianismo serão depois ressuscitados em Cristo. Parece que de alguma maneira, Paulo consegue obter uma extensão temporal que chega até ao esperado momento do estabelecimento do Reino de Deus, mas de uma maneira onde claramente existe uma divisão entre o passado e o presente.

Deste modo, podemos concordar que a visão da história descrita aqui por Paulo deve ser considerada como linear. Isto é, parte-se de um momento de Criação divino até se poder atingir o reino divino. No entanto, isto implica não esquecer que o autor faz uso de três momentos temporais específicos: 1) o tempo antes da morte de Cristo; 2) o tempo depois da Sua ressurreição; e 3) o momento da *parousia*.

As questões entre Paulo e a comunidade de Corinto não acabam por aqui. Na realidade, o apóstolo continua preocupado e atento, o que leva à existência de mais cartas onde se verifica de alguma maneira a existência de uma subida do tom usado. Isto é particularmente claro em *2Coríntios*⁹. Neste momento, e de acordo com os dados da carta, parece que a comunidade não só questionava a autoridade de Paulo enquanto apóstolo de Cristo, mas também a legitimidade do peditório para Jerusalém para o qual ele tinha solicitado a sua colaboração.

No entanto, para a nossa análise sobre se o discurso de Paulo abre ou não caminho ao estabelecimento de uma certa tolerância religiosa, provavelmente a passagem mais importante encontra-se em *2Cor* 3,7-18. Aqui Paulo discute o tipo de ministério que era o dele por oposição ao dos novos ministros que se apresentavam em Corinto e eram recebidos pela sua comunidade como verdadeiros apóstolos. Ao mesmo tempo, discursa sobre a diferença existente

⁹ A unidade do texto de *2Coríntios* é ainda hoje largamente discutida pelos teólogos. Por isso mesmo, e visto que não cabe aqui abrir um parênteses sobre o assunto, sugerimos que para mais detalhes se considerem as obras de Furnish, 1984; Murphy-O'Connor, 1991.

entre o ministério cristão e o judaico. Uma diferença que era básica: o primeiro assentava no apostolado do Espírito, enquanto que o segundo no apostolado da lei transmitida a Moisés. De certa maneira, Paulo identifica desta maneira a existência de duas alianças com Deus: a primeira que teria sido efectuada entre Deus e Moisés e que se regia pelo seguimento da Lei, e uma segunda, feita com Cristo e que se manifestaria através de um apostolado do Espírito.

Nesta passagem (2 Cor 3,7-18), Paulo descreve detalhadamente como é que entende o tempo histórico. Ou seja, é aqui que introduz uma perspectiva dualista do tempo, segundo a qual a história deveria ser dividida em duas *aeones* distintas. Consequentemente, introduz a questão das duas alianças celebradas por Deus com o seu povo, como representando também elas dois momentos distintos. Não mencionando apenas uma aliança, mas sim duas, explica como é que o cristianismo era a nova imagem da Aliança com Deus. Ao mesmo tempo, nesta carta o Apóstolo responde à polémica sobre a identidade dos verdadeiros ministros de Cristo. É disso exemplo 2Cor 2,17 onde lemos: «É que, de facto, não somos como muitos outros que falsificam a palavra de Deus, mas é com sinceridade, como enviados de Deus, que falamos em Cristo, diante de Deus.» Só de seguida, e já no capítulo 3, é que Paulo inicia o seu discurso sobre os diferentes ministérios e o que separa o judaísmo do cristianismo, mas não sem antes repreender os membros da comunidade que parece terem questionado o verdadeiro papel de Paulo e, especialmente, a sua autoridade. O tom fica dado em 2Cor 3,1 quando pergunta se «Vamos começar de novo a recomendar-nos a nós mesmos? Ou temos necessidade, como alguns, de cartas de recomendação para vós ou da vossa parte?» e ao que responde que a sua autoridade lhe foi dada por Deus através de Cristo. Por isso mesmo, como o que Paulo tem é uma aliança pelo Espírito com Deus através de Cristo, não há forma de comprovar a sua autoridade sem que seja pela fé que os membros da comunidade de Corinto depositam nele. E Paulo, continua, explicando que a aliança que representa não está manifesta em qualquer pedaço de Lei escrita (uma alusão a Moisés e aos judeus). Daí que Paulo se auto-retrate como «ministro do Espírito» já que «a letra mata, enquanto o Espírito dá a vida» (2Cor 3,6), numa clara alusão ao tempo que há-de seguir a *parousia*.

Ao fazer isto, Paulo está, e não muito subtilmente, a afirmar a superioridade da nova aliança, em detrimento da anterior feita com Moisés, já que a nova, por ter sido feita através de Cristo permite equacionar um relacionamento mais próximo entre a Humanidade e a divindade. Sendo assim, também a nova *aeon* seria superior à anterior em qualidade. No entanto, apesar de a ressurreição de Cristo poder ser entendida enquanto o início da nova idade, o facto era que não tendo ainda acontecido a *parousia*, Paulo não pode dizer que já vivem realmente numa nova era. Por isso mesmo, sublinha que ainda há tarefas a realizar e que mais do que nunca a fé de cada um será a sua chave de

entrada no Reino de Deus. Isto claramente representa um problema no que diz respeito ao conceito de futuro tal como ele foi entendido por Paulo. Como diz Murphy-O'Connor, «his assessment that it was the last and permanent phase enjoyed only the certitude of hope»¹⁰, já que não havia qualquer certeza de que o tempo em que Paulo vivia fosse já o último tempo antes da inauguração da nova *aeon*, ou se seria apenas mais uma de várias fases que se sucederiam até que esse momento chegasse. Isto, de alguma maneira explica porque é que Paulo está tão interessado em demonstrar o valor do Evangelho e porque é que as comunidades cristãs o devem seguir.

Deixando de lado este tipo de questões sobre o tempo em que viviam de facto, Paulo continua a sua exposição sobre a qualidade do seu ministério de modo a clarificar a sua inerente superioridade em relação à antiga aliança que tinha sido celebrada com os judeus. É neste contexto que Paulo vai utilizar a descrição de como Moisés velava o seu rosto após transmitir à comunidade aquilo que Deus lhe tinha dito¹¹.

Esta questão relativa ao facto de Moisés velar o rosto após transmitir as ordens de Deus vai ser usada por Paulo para sublinhar a superioridade da nova aliança. Aliás, Paulo empreende uma comparação entre as duas alianças, sublinhando a superioridade do Espírito por oposição à Lei, mas explicando que as duas são parte de plano divino, isto é, são sequências temporais, necessárias para se atingir o reino de Deus.

Ao mesmo tempo, enquanto assinala as diferenças entre o relacionamento de Moisés com a sua comunidade e a forma como os Apóstolos espalhavam o Evangelho, Paulo mais uma vez introduz a questão de como a Antiga Aliança representava a morte, enquanto a Nova representava a vida eterna em Cristo. De certa maneira, a Antiga Aliança era passageira porque finita, enquanto a segunda era eterna. Por isso, diz Paulo «se, com efeito, foi glorioso o que era transitório, muito mais glorioso é o que permanece» (2Cor 3,11), para evidenciar que se a glória da aliança com Deus já antes era enorme, então no momento em que a aliança tinha sido feita através de Cristo era impossível negar a superioridade deste novo pacto. Resumindo, a aliança feita com Moisés tinha carácter temporário, ao passo de que a celebrada com Cristo era eterna e, como tal, o ministério dos Apóstolos também tinha mais esplendor e glória do que o de Moisés¹². Afinal, não tinham os Apóstolos recebido o Espírito Santo que lhes dava força para levar o Evangelho aos quatro cantos do mundo e enfrentar as maiores dificuldades?

¹⁰ Murphy-O'Connor, 1991, 36.

¹¹ Cf. o passo de Ex 34,29-30, em que se descreve como Moisés desceu do Sinai com as tábuas da lei na mão e o rosto brilhante e, como depois de transmitir o conteúdo das ordens dadas por Deus cobria o rosto para só o descobrir quando estava na presença de Deus e quando de seguida transmitia aquilo que Deus lhe tinha dito.

¹² Furnish, 1984, 230.

Mas para acentuar ainda mais as diferenças entre as duas alianças Paulo vai mais longe. Não lhe basta explicar que a nova aliança foi feita através de Cristo, filho de Deus. Na realidade, Paulo afirma também que os judeus que insistem em seguir a lei do Antigo Testamento continuam com uma visão obscurecida, a qual só acabará quando se converterem. E por isso escreve em 2 Cor 3, 15-16 «sim, até hoje, todas as vezes que lêem Moisés, um véu cobre-lhes o coração. Mas, quando se converterem ao Senhor, o véu será tirado», referindo-se àquela parte do povo de Deus ainda não tinha percebido que a antiga aliança tinha terminado. De acordo com Paulo, os apóstolos de Cristo não tinham vergonha do seu apostolado e, como tal, divulgavam o Evangelho sem medo e enfrentando grandes perigos.¹³ Assim, esta nova Era inaugurada com a morte e ressurreição de Cristo, representava um claro contraste com o período anterior marcado pelo seguimento da lei mosaica.

É necessário, no entanto, sublinhar que ao longo do texto Paulo nunca refere a aliança com Moisés como não tendo valor. Cataloga-a antes como diferente e representativa de um tempo onde o relacionamento com Deus era também ele diferente.

As palavras usadas por Paulo em 2Cor 3,14 devem ser lidas com cautela e não podem ser entendidas literalmente. Quando escreve que «mas o entendimento deles foi obscurecido» o autor está de certa maneira a dizer que aquilo em que acreditamos depende de nós mesmos, ao mesmo tempo que diz que esta situação só poderá ser alterada quando crerem em Cristo. Paulo não diz frontalmente que os Israelitas, isto é, os judeus, tinham perdido a fé. Pelo contrário, ainda não tinham visto que tinha acontecido uma mudança. Da mesma maneira que os judeus tinham poder de escolha, também os membros da comunidade de Corinto o tinham. É exactamente isso que Paulo lhes diz: que devem acreditar no que o seu coração ditar, apesar de tudo o que ele lhes disse sobre o valor do ministério do Espírito.

Mas quando Paulo salienta o poder da escolha ele não se refere exclusivamente aos judeus. Refere-se sim a toda Humanidade, a qual segundo ele tem o poder para acreditar ou não em Cristo e seguir os seus mandamentos tal como os Apóstolos os pregavam. Desta maneira, Paulo abre as portas do cristianismo não apenas aos judeus, mas também aos gentios, o que nos permite confirmar que ele tinha em mente uma religião universal. Naturalmente, isto implica um alargar de horizontes. Ou seja, se em um momento Paulo estava apenas preocupado com os desvios da comunidade de Corinto, no momento seguinte está a dizer que o Reino de Deus é acessível a todos quantos os que acreditarem. É desta maneira que Paulo explica a universalidade do Evangelho e da nova aliança com Cristo. Mais uma vez parece que Paulo antecipa as

¹³ Ibid. 231.

palavras d'O *Apocalipse* quando fala em universalismo como se fosse uma premissa para a realização da *parousia*. Só a prática do Evangelho permitiria o acesso e a partilha do reino escatológico. Desta maneira, Paulo ainda faz mais uma distinção entre os que seguem a Lei e os crentes que seguem o Evangelho.

Depois de analisadas estas duas pequenas passagens, parece que Paulo faz uma distinção clara entre o tempo da primeira aliança em que era necessário cumprir a Lei, e o tempo da nova aliança com Cristo em que a fé desempenhava um papel muito mais importante. Consequentemente, para Paulo esta nova aliança era superior à primeira visto que levaria não só à consumação do Reino de Deus, mas permitiria também um entendimento de tipo universalista do cristianismo enquanto religião que reunia todos quantos quisessem crer nas palavras do Evangelho.

No entanto, e isto é importante frisar, Paulo não ataca a validade da lei judaica. Pelo contrário, demonstra-a necessária e válida a um dado momento, apesar de a considerar ultrapassada por algo que lhe é superior.¹⁴ O deus que tinha dado a lei a Moisés era o mesmo do tempo de Paulo, mas as circunstâncias eram diferentes e com Cristo passou a ser possível ultrapassar a morte pela eternidade. Era esse o significado último da ressurreição, que também demonstrava como a nova *aeon*, ainda por inaugurar, seria a-histórica por oposição ao tempo histórico que marcava a aliança com Moisés.

Voltando à nossa questão inicial sobre a hipótese de existência de tolerância nas palavras de Paulo, achamos possível confirmar tal interpretação. Se de facto Paulo se mostra muito duro e repreende severamente a comunidade de Corinto por esta não estar a cumprir aquilo que lhe tinha sido ensinado do Evangelho, por outro lado, Paulo abre as portas a uma religião de tipo universal. Aliás, não acentua a ruptura entre judaísmo e cristianismo, mas antes diferencia-as como indicadores de dois tempos diferentes, de circunstâncias também elas distintas, apesar de parte de uma mesma realidade. Mas no fim, todos os que acreditassem e seguissem as palavras do Evangelho participariam na eternidade que se iniciaria após a *parousia*. Não haveria excluídos excepto os que se auto-excluísem.

Por isso, parece-nos que explorar a questão da tolerância em Paulo do ponto de vista do universalismo do cristianismo é algo que se deve ter em conta. Mais, a sua intolerância para com aqueles que não seguem o Evangelho depois de o terem recebido é compreensível. Por um lado, parece que Paulo considerava a existência da livre escolha, e ao mesmo tempo, parece mostrar-se incrédulo que perante tamanhas provas da superioridade da segunda aliança com Cristo ainda assim fosse possível não se ter fé suficiente para seguir o Evangelho enquanto se esperava pela *parousia*. Mas como em tudo, o tempo

¹⁴ Murphy-O'Connor, 1991, 36.

de espera pelo mundo que há-de vir, neste caso, a consumação do reino de Deus, não ajuda nem a divulgação nem o seguimento do Evangelho. É difícil crer quando não se compreende porque demora o momento da *parousia* e da consumação do Reino e, de certa maneira, é isso que Paulo tenta explicar a uma comunidade que estava permeável a influências externas que questionariam certamente o seu empenhamento em seguir o Evangelho¹⁵.

¹⁵ Este estudo resulta em parte de um capítulo da minha tese de doutoramento, *Historical Interpretations of the «Fifth Empire»: The Dynamics of Periodization from Daniel to António Vieira*, S.J., defendida na Universidade de Lisboa em Dezembro de 2008.